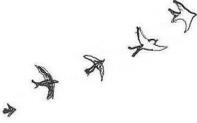


Prosa





A primeira caçada

O dia amanhecera limpo e o céu, todo azul, era uma promessa e uma esperança ao sucesso daquela que seria minha primeira caçada.

Armado com uma atiradeira, seguia o companheiro, que portava uma “Flauber” calibre 22.

De repente o companheiro levanta a arma ao peito e, com uma das mãos espalmada, levada para trás, pediu-me que parasse.

Imóvel, apenas sentia o bater descompassado do coração a sacudir aquela estátua humana em que me transformei naquele instante, no auge da emoção esportiva, procurando vislumbrar por entre a copa do arvoredo a caça localizada pelo companheiro. E vi, no instante exato em que o amigo engatilhava a arma, uma humilde macaca tirar de suas costas um lindo macaquinho e mostrá-lo ao seu algoz, num gesto de desespero e de súplica, como a dizer: “não me mate; sou mãe e tenho um filho pequenino para criar”.

Ante aquele quadro emocionante e triste, quebrei o meu silêncio e corri para o amigo, gritando-lhe para que não atirasse. Mas, o tiro partiu... Um corpo inerte tombou sobre o solo, às nossas vistas, e uns gritinhos prolongados e aflitos denunciavam a orfandade do pobre macaquinho.

Desesperado, busquei em vão agarrar o pobrezinho, que fugia sempre, de um para outro ramo, preferindo arrostar os perigos do mundo irracional em que vivia, a se fazer cativo ou protegido pela espécie

humana que põe a força de sua inteligência e de seu raciocínio a serviço do mal e da desgraça alheia.

Cansado, exausto e revoltado, saltei sobre o colega, tomei-lhe a arma e a atirei para longe, enquanto ele, profundamente abatido, chorava de arrependimento... E, como duas crianças, que realmente éramos, choramos juntos a lágrima da reconciliação e da amizade, que perdoa e esquece.

Voltamos. Nada dissemos na longa caminhada de volta! O silêncio, a tristeza e a decepção seguiam conosco!

E, dizer que momentos antes nossos pés descalços pisaram, irrequietos, aqueles mesmos caminhos, procurando vencer sofregamente, a distância!... Que nossas almas viviam, a cada instante, emoções fortes, alegres e sempre renovadas por nossa imaginação prenhe de pureza e fertilidade!... Que as borboletas sofriam nosso assédio constante, enquanto a pombinha rola assustada, rufava as asas e ensaiava o vôo, temente ao perigo do nosso ataque!... Que os riachos de águas cristalinas e cachoeirentos exerciam sobre nós o fascínio e a atração que um Deus exerce sobre seus crentes, e que era com carinho e devoção de um beato, que às suas margens cruzávamos os braços num gesto de contemplação e infinito amor!... Dizer que na volta nossas pupilas se contraíram, nossos corações se fecharam e nossas almas se insensibilizaram ante todo aquele maravilhoso quadro que vivemos na ida, é aquilatar-se daquilo que foi minha primeira caçada!...



Viajante solitário...

Viajante solitário, de fim de caminho... Embora se estreitem os teus horizontes e já não brilhem os astros com o mesmo fulgor, ante o teu olhar cansado e embaçado pelo tempo; embora tenhas pesado o corpo e feridos os pés de tanta caminhada e escasseiem já as energias que esparramaste com entusiasmo, fé e amor, por onde passaste, não abrigue, jamais, em tua mente sadia, voltada para as cousas belas da vida, a angústia ou o tédio que tanto deprimem e sufocam.

Que importa se o caminho se acabe! Se teus passos caíam, amanhã, no espaço vazio e profundo! Permanecerão os vestígios de tua passagem, as marcas dos teus passos largos e firmes, o calor do teu sangue pulsando nos corações e nas veias dos teus descendentes. Permanecerás sobre os gramados imensos do teu quintal e descansarás à sombra das árvores que plantaste. Viverás em cada verso teu, nos teus poemas escritos nas horas de recolhimento e solidão interior e deles surgirá aos olhos dos que os lerem, a tua presença bucólica, apontando horizontes e céus, colinas e montes; falando de amor, de cantos, de brisa, da solidão dos ermos... E viverás em meio aos cantos dos passarinhos, à quietude dos lagos, à solidão dos barrancos ou à beleza de uma noite de lua!.. Estarás presente à cidade natal que tanto amas, a tua gente, ao rio da tua infância, correndo para os alagados do pantanal mato-grossense!... E, então, perceberás que apenas, já não é de terra o teu caminho, nem há pés para se sangrarem ao longo da jornada.



Maio de 1983.

Medida do tempo

Não sei se é bom ou ruim essa consciência que tenho da marcha cronológica do tempo. Marcha que não me assusta, pelo contrário, me faz pensar no muito que ficou para trás em meio à poeira da estrada.

Não sei se é a música que ouço ou o céu que vejo distante e muito azul; se o cantar dos pássaros no meu quintal amplo e verde; ou a beleza destes dias primaveris, que me fazem empunhar, sofregamente, a pena e transferir para uma folha de papel tudo o que sinto neste instante.

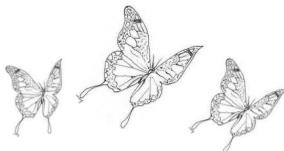
E, como me faz bem tornar, em pensamento, ao passado mais distante e de lá vir, devagarinho, até me encontrar aqui, com a caneta em punho, num melancólico adeus às minhas fantasias, duramente atingidas ou rasgadas pelo tempo.

Essa consciência da limitação temporal da vida é que me dá força e me faz amar mais e mais o passado, que é quase tudo para mim. Daí a pressa que tenho em viver, intensamente, cada minuto, cada hora, cada dia, certo do valor que o tempo tem para mim nos meus sessenta e quatro anos. Daí me perguntar: Por que permanecer aqui, preso à rotina diária, ator e espectador obrigatório de minha própria comédia?!

Detesto pensar que poderá a morte surpreender-me no leito ou no sofá... Prefiro as margens dos rios, a sombra das árvores, os dias claros e ensolarados... Morrer assim sozinho talvez, sem colo para me deitar, sem mãos para me acariciar, sem ninguém para amparar-me na queda... Simplesmente morrer, como

morre o grito que não sai da garganta ou que se perde no longo espaço vazio...

Setembro de 1986.



Divagações

Folhas secas, rolando pelo chão quente de agosto!... Desnudas árvores, apenas cobertas pela poeira vermelha dos caminhos!... Forte cheiro das queimadas, em meio a densas nuvens negras, prenunciadoras das primeiras chuvas de setembro!... Tristes e longínquos ensaios das cigarras, saudando a primavera que se avizinha!... Tudo enfim, me angustia e entristece, pois que injeta em minh'alma estranhos desejos de fuga, caminhadas sem objetivo nenhum, sem procuras nem encontros definidos!...

Contudo e a despeito de tudo que muito me sensibiliza e instabiliza emocionalmente, não é de infelicidade o meu estado psicológico. É de tristeza, tão somente. Uma grande e funda tristeza que me vai envolvendo mais e mais... Tristeza nascida da felicidade de quem entende e ama a natureza, o bastante para poder avaliar seus sofrimentos nestes dias terríveis de inverno.

Sempre me considerei imensamente feliz, sem excluir, jamais, do contexto desta felicidade que proclamo, a solidão e a tristeza, minhas companheiras de longa data. Sou um solitário congênito, um triste ocasional, um feliz convicto. Podem os desenganos, as

decepções, a dor ou a incompreensão, arranhar e até ferir fundamente essa felicidade, mas destruí-la ou matá-la nunca, pois que a curo com minha fé e amor inquebrantáveis...

Busco, nas profundezas do mais distante passado, o embrião dessa felicidade e o encontro numa infância livre, solta pelos caminhos de minha cidade natal, sem as ameaças, a brutalidade, a insegurança e o desamor, que pairam sobre a infância dos nossos dias. E, assim cresci, acreditando nos valores positivos da vida, na liberdade, na justiça, no amor que constrói e engrandece a existência humana. Eram meus os bosques sombrios e acolhedores; os campos verdes e floridos a se perderem na distância, tomados de sol ou faiscantes de pirlampos; os rios de águas puras e cristalinas, onde eu pescava e banhava efusivamente, o corpo cansado de tanta felicidade; as matas centenárias, impregnadas dos cantos da passarada e que me ofereciam, a mancheias, os mais variados e saborosos frutos; o céu, imenso, de vastos horizontes, quase sempre azul, lindo nos dias de chuva molhando a plantação e enchendo os rios, ou nos dias de sol, clareando a terra e azulejando os montes distantes, sem se falar nas noites em que a lua cheia surgia, por entre um bilhão de cintilantes estrelas, a instilar no coração e na alma da gente aquela sensação gostosa de paz e amor, que ela tão bem sabe nos transmitir.

Assim se forjou e se alicerçou minha infância, sobre a pureza, o amor e o belo!... Infância rica de imaginação e criatividade, que me tornou artífice dos meus próprios brinquedos, cuja matéria prima ia buscar no seio exuberante e virgem da natureza.

Quando, aos quatorze anos, experimentei a dura e sofrida realidade do adolescente órfão, menos difícil me foi o amadurecimento precoce, que a nova situação me impunha, pois que trazia em mim uma alma inteira,

forte, repleta de amor, de fé e de crenças, sem haver conhecido, jamais, as dilacerações provocadas pela desconfiança, pela incerteza e pelo medo. E, fui à luta, meio-menino, meio-homem, estudando e trabalhando, sem esmorecimentos ou descrença. Serviu-me essa fase de lutas e sofrimentos para que eu melhor me aquilatasse do valor extraordinário de minha mãe, incansável nos seus afazeres, insuperável na sua dedicação e grandeza de alma, - pronta para me sacudir e empurrar para frente, naqueles momentos em que o tédio e o cansaço se debruçavam sobre mim. Mãe, hoje octogenária que encarna em si, na sua simplicidade cativante, a grandeza que só as almas puras e cheias de fé e amor soem ter! Assim, fui um adolescente feliz, pois que, a par da ampliação dos meus valores intelectuais, mantive intactos, os meus princípios morais e espirituais forjados na infância.

Feliz me considero também, pelo moço que fui, meio-cantor, meio-poeta, estudando e lutando por um lugar ao sol...

Feliz, por haver trocado, aos vinte anos, os sonhos e as fantasias de moço, que o tempo e a luta não permitiram fossem muitos, pela realidade, facilmente assimilada do casamento, que nos propiciou, a mim e a minha mulher a formação e estruturação de uma família extraordinária, da qual muito nos orgulhamos.

Feliz, pelo que acredito ser nos meus cinqüenta e oito anos: um homem plenamente realizado, sem problemas, inimigos, temores ou remorsos; que olha a vida de frente, sem nada para esconder ou algo de que possa se envergonhar. Um homem que lutou, firme corajosamente, e sofreu também e muito, como é natural, sem permitir, contudo, que o sofrimento e a dureza da luta empanassem, jamais o seu amor sem fronteiras nem limitações. Amor que tem o destino da brisa que acaricia a folhagem ou balança as roseiras; que

desconhece fronteiras, porque é horizonte, é céu, é mar... Amor que se extravasa e se derrama por toda parte. Calmo, como a paz que vem das montanhas ou das águas paradas... impetuoso, como a fúria dos ventos ou a correnteza dos rios cachoeirentos...

Um homem simples, eu sou. Sem grandes ambições, coerente com o seu passado e suas origens, que não se perdeu nunca, nem se mascarou, jamais. Um homem sem amarguras, ressentimentos ou recalques, que traz consigo a certeza do dever cumprido e aquela tranqüilidade dos que “ deram o seu recado” e disseram “por que vieram”.

Se me vissem agora, sozinho e pensativo, a rabiscar estas linhas, divisando os horizontes nublados, sem sol e sem brisa nestes dias de inverno, dir-se-ia que estou triste e eu afirmaria que sim, profundamente triste, porém, feliz por estar aqui, vivo, cheio de esperanças e alguns sonhos ainda, a registrar emocionado o que me vai n'alma e no coração... Triste, apenas triste, por estar aqui, parado, preso ao chão, como as cordilheiras ou as montanhas, quando prefiro o destino dos rios e dos ventos...



Tédio

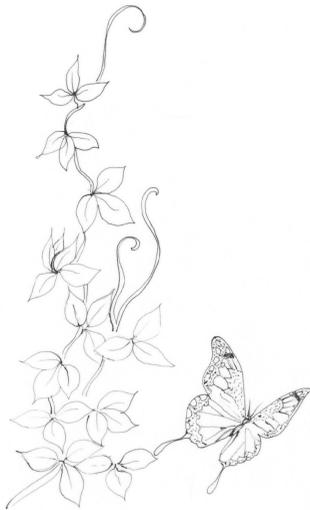
Escrito sob aquela sensação de inutilidade que, por vezes, assalta os que se aposentam para se dedicarem a uma atividade pessoal, que pode distrair e satisfazê-los até, mas que não produz resultado sobre as massas, nem abriga ambições outras senão as da satisfação, um tanto egoísta, de seus próprios desejos.

Estes dias de agosto, cinzentos e cheios de pó, em que a fumaça que sobe das queimadas tolda o céu e empana o brilho do sol, emormaçando a terra, não sei por quê me esvaziam a alma e me entristecem tanto!...

Estranha sensação!... Desejo de fugir ou de sair andando, sem rumo certo, pelos caminhos empoeirados do mundo, carregando o fardo imenso das minhas imensas saudades. Saudades imprecisas, tumultuantes e fortes como o próprio tempo que as gerou e as empurrou impiedosamente, para trás. E, sinto, mais do que um simples desejo, a necessidade premente e inadiável de rever lugares, reencontrar pessoas, relembrar fatos que contaram na minha vida e que se transformaram nestas saudades pungentes, que eu, gostosamente, carrego ao longo desta jornada de mais de meio século e que povoam o meu mundo nas minhas horas de tédio e solidão...Solidão dos que amam, sem alarde, tudo!... Tédio dos que lutaram e conseguiram atingir seus objetivos, qual o alpinista que após anos de luta e tentativas, escala sua montanha, matando uma esperança e um sonho, lindo demais para se tornarem

*realidade dura como a própria pedra que ele
sofregamente pisou...*

*Talvez tenha eu escalado a minha última
montanha, como aquele alpinista e me encontre agora,
como ele, lembrando as outras escaladas, remoendo
estas saudades gostosas e intediantes, próprias dos que
amam as alturas e se acostumaram a ver de perto o céu
e, de mais longe os horizontes azuis... Sem rumo certo.
Sem outras montanhas a escalar, contento-me em pisar
o chão aqui embaixo, ao sabor das minhas recordações
e das minhas saudades.*



Romper as amarras...

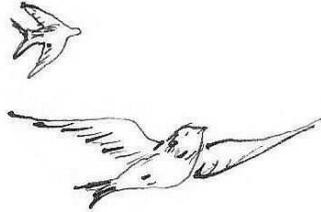
Os sonhos que sonhamos, desde os mais puros e simples aos mais ousados ou impetuosos, os anos vão destruindo, um a um, e com eles, a nossa fé, a nossa crença e até mesmo as nossas esperanças. Então, ao final da jornada, quando nos olhamos, num olhar introspectivo, ou volvemos para trás o nosso olhar, constatamos que o que resta de nós é quase nada e se resume num monte de saudades, trapos de um tênue e débil desejo de buscar uma felicidade na qual já não cremos e nem esperamos alcançar. E, quando já não há crenças e esperanças e nem se sonha mais, o amor cresta e resvala, perigosamente, no fosso da indiferença e do desamor. Começa, então, a nascer e a tomar vulto no coração e na alma da gente aquela vontade de romper as amarras ou quebrar os elos que nos prendem ao passado e a tudo que nos cercam para sairmos por aí, sem rumo certo, em busca de nada, talvez, ou a procura de nós mesmos, numa solidão muito grande e profunda, levando conosco esse vazio imenso que mora na alma dos desesperançados e descrentes.

Como deve ser difícil romper as amarras!... Quebrar os elos que nos prendem, durante tantos anos, a pessoas, cousas e fatos... Sair sozinho por aí, carregando o fardo imenso das nossas recordações e a frieza dos que vivem sós, embora ao lado de outros que nada dizem ou que nada contam em nossa vida.

Mas, a solidão para os que amam, é um lenitivo. Há muita beleza e muito amor no marulhar das águas; no primitivo calor duma choupana, onde as ambições se

encolhem e as necessidades se reduzem, enquanto o amor, de roupagem nova, nos mostra ângulos diferentes e formas diversas de se amar, com simplicidade e muito mais pureza. Teremos a compensação dos que vivem sós, sem satisfações a dar, sem mendigar compreensão e não a receber nunca. Andar com passadas incertas, sem norte, sem objetivo, sem ambições, convivendo com pessoas que nada sabem da gente. Viver no mais completo anonimato, sem peias, livre como pássaro que corta o espaço azul, ou como o rio que rola até se afogar no oceano...

E, quando a saudade chegar e a tristeza debruçar-se, pesadamente, sobre nós, levemos esse estado de espírito para um pedaço de papel, em forma de poema, ou a afogemos, sem dó, num copo de bebida.



Alma Cigana

Certa vez, quando ainda menino, naquela idade em que o mundo e as cousas que nos cercam são uma eterna interrogação, aproximei-me de um acampamento de ciganos, montado em um bosque de minha cidade natal e perguntei a um deles, já de cabelos grisalhos: Moço, onde o senhor nasceu? Qual a sua cidade, a sua pátria? Respondeu-me ele: Cigano não tem pátria, menino. Nossa pátria é onde morremos...

O moço afastou-se sem que minh'alma de criança pudesse alcançar o sentido de suas palavras.

O cigano se foi. Foram-se, também, os dias, meses e anos, na vertiginosa caminhada do tempo... Ele, certamente, envelheceu ou já não existe e o menino tornou-se homem, enfrentou as asperezas da vida, que toldaram seus horizontes, antes azuis e dilatados. Seus sonhos de menino despreocupado e feliz, tornaram-se realidades duras e, por vezes, amargas, e, no torvelinho da vida, viu-se compelido, por circunstâncias várias, a demandar outras terras, na incessante luta pela vida. Deixou sua cidade. Lutou alhures... Sofreu... E, dizem que venceu.

Um dia, muitos anos depois, atraído, talvez, por essa força irresistível que vem da terra em que nascemos e que nos arrasta para ela, voltei um pouco mais velho e marcado pelos desenganos. Não encontrei lá muitas das cousas que foram motivos de alegria e felicidade para mim. Busquei, em vão, algo que me fizesse vibrar de emoção e saudade. Tudo estranho, diferente, decepcionante!...

Somente aquele bosque sombrio retratava em si algo do passado distante. Ali minh'alma quedou-se comovida! Lembrei-me do cigano. Daquele que não podendo, talvez, viver em sua terra, pouco se lhe importava estar hoje aqui, amanhã mais além.

Só então compreendi o sentido de suas palavras e pude avaliar a extensão do seu sofrimento e a vastidão da funda melancolia que seu rosto estampava ante minhas perguntas inoportunas e, para ele, deveras impertinentes. É que minhas palavras, cheias de simplicidade e inocência, foram o tufão que revolveu as cinzas do seu passado, que ele teimava em considerar morto e soterrado para sempre.

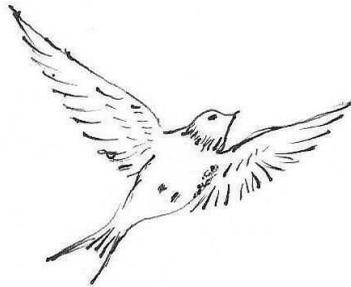
Já se tem dito que “Ninguém ama o desconhecido”. Mas, quando esse desconhecido é a natureza e esse ninguém é um cigano, essa assertiva se traí. Daí o amor imenso que o cigano sente pelo desconhecido, onde busca o lenitivo as suas mágoas e sofrimentos...

Como aquele cigano demandei outras terras, em busca de emoções novas, dizendo adeus a tudo que me foi tão caro em minha infância. E, desde então, tem sido minha vida uma constante peregrinação por esse Brasil afora.

Ainda ontem, quando menos intenso era o movimento do setor em que trabalho, pude, por alguns instantes, admirar a beleza arquitetônica desta querida Brasília e divisar, ao longe, como fundo de um palco maravilhoso e inigualável, um céu azul e imensamente belo!... Fitei-o por alguns instantes, alguns segundos, talvez. E, senti-me transportado dos limites estreitos da sala de trabalho para o infinito daquele céu sem nuvens, arrastado por uma força estranha e irresistível porém conhecida de mim e, muitas vezes, por mim sentida! A mesma força que levava aquele cigano a buscar outras terras, para satisfazer, tão somente, os caprichos de um

destino inquieto e buliçoso... Força que leva todos os ciganos a cumprirem seu destino ambulante a caminho do desconhecido, até encontrarem sua pátria, ou melhor, a terra que será sua ao conceder-lhe a derradeira morada.

Não sou cigano. Afirmo, sem medo de errar, não correr nas minhas veias, sangue cigano. Ao contrário dele, tenho pátria, tenho o meu torrão natal, onde vivi uma infância e uma adolescência felizes. Apenas, como ele, não pude, por motivos vários, continuar vivendo em minha cidade natal. Será esse o motivo que fez nascer em mim essa indiferença que sinto em viver ora numa, ora noutra cidade, cansando-me de todas elas! Ou será que existe em mim uma alma cigana?!...



Às margens do rio “Ceroula”

Não notaste minha ausência, é certo.

Possuís, como elemento que sois, o condão de apenas existir, deixando para mim a vida, a capacidade de sentir, de sofrer, de sonhar e amargar esta saudade imensa que plantasteis no coração e na alma simples deste vosso amigo e companheiro.

Hoje, distante, sentindo as carícias da aragem morna e gostosa que sopra mansamente do norte; que vem de vós, talvez; que roçou, talvez, as grimpas de vossas árvores verdes e frondosas, volto os olhos para trás e apenas diviso os horizontes perdidos na distância!...

Sob um céu azul e imensamente belo, elegantes andorinhas diabruras tecem, inveja me trazendo do seu destino livre, enquanto em meu jardim, esvoaçante e incauto colibri o néctar busca de escassas rosas, fazendo me lembrar daqueles que às vossas margens vivem embriagados dos sutis perfumes que se evolvem de um sem número de flores campesinas...

E a saudade aperta. O pensamento voa, transpõe montanhas, rasga os horizontes e me leva para junto de vós!

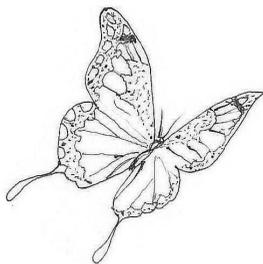
Novamente me sinto às vossas margens, à sombra do arvoredado acolhedor, a respirar essa brisa, fresca e cheirosa, que emana de vós e que instila em meu ser um pouco de tranqüilidade e dessa paz, que não encontro entre os homens...

Contemplo pequenino e solitário a grandiosidade vossa e de tudo que vos cerca. E, como é bom sentir-se a gente pequenina e frágil, como realmente somos, ante a grandeza infinita da natureza!...

E as lindas borboletas, delicadas e vaporosas como sonhos revejo, volitando em torno a mim ou gentilmente pousando em meu caniço, enquanto os passarinhos trinam ou descem às vossas águas para delas beberem e nelas se banharem profusamente, numa simplicidade e beleza indiscreíveis. No antegozo das emoções alegres que sempre me proporcionastes, oferecendo-me lindos e saborosos pescados, contemplo, do topo desta saudade apaixonante e quente, vossos contornos caprichosos no coleante caminhar em leito de areia e de granito...

Esta, a felicidade que sempre me proporcionastes!

Estas, as emoções que sempre busquei e que jamais me negastes, mesmo sabendo que nada possuía de mim para oferecer-vos, além de minha gratidão sem limites e esse amor puro e simples que se pode ter à natureza e que, em certos momentos, me fez alimentar o desejo de com ela fundir meu próprio ser numa integração perpétua, cheia de paz e tranqüilidade!...



A morte do pardal

Eu o vi, na sua alegria ingênua e simples, a saltitar em plena rua, buscando alimento para si e, talvez, para seus filhinhos.

Nada o demovia do seu intento. Nem mesmo aquele automóvel que se aproximava celeremente, pois, familiarizara-se com essa espécie de máquina que aos milhares cortam diariamente as ruas das cidades grandes.

Continuava o irrequieto pardal a colher, ansiosamente, os grãos de alimento em derredor a si, aguardando maior aproximação do carro para só então alçar vôo...

Desta vez, porém, seus cálculos falharam; suas retinas um pouco cansadas, talvez, o traíram e daí a fração de segundo aquilo que instantes atrás era um pardal cheio de vida, de sol, de liberdade, não passava de um punhadinho de carne pontilhada de pequeninos ossos, coberto de penas e esmagado sobre o paralelepípedo!...

Pobre pardal!... Estranho e triste fim o seu! Morrer assim, tão rudemente!...

Você que poderia fazer em paz sobre as relvas acetinadas das campinas, tendo por manto o azul infinito do céu; e para ungir-lhe, a lágrima pura e santa que sobre você cairia, em forma de orvalho, dos olhos negros, grandes e tranqüilos da noite...

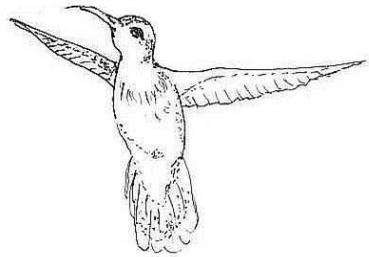
Você que teve para beber as águas frias e cristalinas dos regatos!... Para comer, os frutos frescos e maduros que lhe oferecia a natureza!... Para

movimentar-se, o espaço livre, sem fronteiras nem horizontes!...

Você, cujo destino eu invejaria, resolveu descer, viver das migalhas caídas sobre o asfalto!... Beber, furtivamente, a água poluída e quente que rola nas sarjetas ou nos quintais!... Viver cercado de incompreensões, odiado e duramente perseguido e castigado pelos meninos de rua, que não podem, jamais, compreender seu grande drama...

Finalmente, eis o destino que você mesmo escolheu: morrer massacrado ante a indiferença e a estupidez humanas...!

Pobre parda!!!!...



Novembro de 1963.

Uma grande lição

Longe, estava eu de imaginar que naquele domingo, tão comum e igual a tantos outros, viesse a receber da natureza tão proveitoso ensinamento.

O dia ia alto... O céu, imensamente azul e sereno, deixava-se penetrar, gostosamente, pelos raios oblíquos de um sol de primavera, cheio de luz, de vida e de calor!

Não se via na imensidão do céu uma rusga, uma torrezinha de nimbus que lá pela linha do horizonte, pudesse prenunciar chuva ou viração.

O dia estava magnífico e urgia aproveitá-lo.

Procurei por todos os companheiros e nenhum deles podia fazer-me companhia naquele domingo.

Voltei para casa, desesperado. Não! Não me era possível desperdiçar um dia excepcional como aquele! Mas... ir com quem? Sozinho?! Não. As pescarias naquele riacho de águas cristalinas somente eram possíveis com sucesso à noite e não me autorizava o bom senso demandar aquela distância de vinte quilômetros até o "Itá" e nele permanecer, sozinho, até altas horas da noite, sem ter com quem falar nem com quem dividir minhas emoções.

Mas, dentro de mim, falando mais alto que o bom senso e a razão, estava esse entusiasmo, esse verdadeiro fascínio que empurra o esportista às grandes aventuras, em busca, tão somente, de uma emoção a mais.

Foi assim que naquele domingo, lá pelas duas horas da tarde, simulando partir em companhia de um amigo, para não inspirar cuidados à minha esposa,

montei minha bicicleta rumo àquele bonito e inesquecível “Itá”...

Qual não foi minha alegria, meu indizível contentamento, quando senti soprar de encontro a mim aquela brisa fresca e cheirosa que se desprende das matas ribeirinhas!

Sim. Ali estava, a alguns metros apenas, aquele bonito riacho que simbolizava para mim um reservatório de emoções alegres e inolvidáveis!

Ia ainda alto o sol e meu relógio de bolso, o mesmo que ainda hoje me acompanha, marcava quatro horas da tarde.

Tomei, a seguir, as primeiras providências, localizando meu veículo na orla da mata, em lugar seguro, onde deveria permanecer até a hora do regresso.

Preparei, cuidadosamente, os caniços e as linhas; coloquei o bernal a tira colo e, em um dos bolsos da camisa de couro, bem a jeito, a indispensável latinha de minhocas, com as quais pescaria lambaris, para com estes, ao cair da noite, pescar peixes maiores.

Assim, sedento de emoções, só compreendidas e avaliadas por aqueles que, como eu se atiram de corpo e alma a esse maravilhoso esporte fui descendo marginalmente o rio, em busca de um e outro remanso, tão raros naquelas águas serranas...

Beijava, ainda, o sol as copas das árvores mais altas e as primeiras sombras da noite se faziam sentir na densa mata quando, farto de iscas, dei início à pescaria propriamente dita.

Logo após à primeira anzolada senti um beliscar na isca! Depois outro mais forte! Um terceiro mais forte ainda!

Fez-se um silêncio profundo, apenas entrecortado pelo bater descompassado do meu coração, que parecia querer me vir à boca, enquanto o corpo enrijecido, a

respiração ofegante e o braço retesado, no prolongamento horizontal do caniço, aguardava, no auge da emoção, o momento propício de fisgar o peixe.

Foram segundos que pareceram séculos! Séculos de expectativas e emoções até que a vítima, em corrida desabalada e voraz, teve morte certa, para gáudio de seu algoz.

Era um bonito douradilho! Vieram, a seguir, uma piaba, outro douradilho, uma tubarana e, não tardaria o instante em que os bagres viriam juntar-se àqueles preciosos pescados.

Ao dia claro e imensamente belo, sucederam as trevas da noite que, pesadamente, caíram sobre aqueles ermos, entre o coaxar dos sapos, o piar dos pássaros noturnos, o movimentar de répteis e pequenos insetos que buscam repasto na solidão da noite! Ouvia-se o murmurar das águas cachoeirentas, que se agiganta com o silêncio da noite ou que nos faz sentir o quanto somos pequenos e covardes ante à grandiosidade da natureza!...

As sombras eram fantasmas esguios que se debruçavam sobre meu corpo aniquilado e vencido pelo medo!

O bulir de uma folha seca no chão, assumia em meus pensamentos proporções alarmantes e aterroradoras! O marulhar das águas eram vozes que se erguiam na quietude da noite, ora em gritos desesperadores e alucinantes, ora em súplicas e comoventes lamentos, que infundiam em mim espantoso e indiscrimível pavor!...

Não tive forças bastante para participar, por mais alguns minutos, sequer, daquele quadro deveras grandioso e no qual não passava eu de um mero ponto perdido na tela imensa que mãos invisíveis, magistralmente, pintavam!...

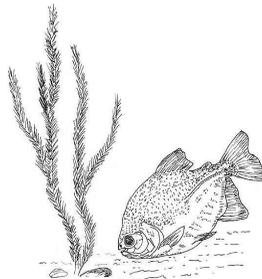
Vencido em minhas emoções alegres; dobrado em minha pequenez humana deixei aquele deserto quase em corrida desesperada!

Qual não foi minha tranqüilidade de espírito ao penetrar na cidade, ao transpor o limiar de minha casa e sentir nela o calor e o conforto do lar! Ali, ao invés de trevas, havia luz, havia segurança e alegria ao invés de perigo, solidão e tristeza.

Eu deveria estar transfigurado ante a mutação feliz e um tanto violenta daquele quadro, agora inspirado em motivo novo, em cujo cenário se fazia sentir, em sua plenitude, não a grandeza dos elementos naturais, mas, aquela nascida da inteligência do homem que dominou e venceu, parcialmente, a natureza, a ponto de subestimar-lhe o poderio.

Sim, eu subestimei esse poderio e essa grandeza e quis senti-los de perto num desafio ousado e insensato.

Mas, logo aos primeiros embates caí de joelhos, vencido em meu orgulho, em minha microscópica grandeza!



Janeiro de 1961.

Música não envelhece

Era uma dessas noites outonais, mesclada já de uma pontinha de inverno...

A conversa corria animada, quando aos meus ouvidos chegaram os acordes maravilhosos de uma valsa antiga e muito sentimental, provinda de algum rádio distante e que penetravam, gradativamente, minha sensibilidade, povoando-a de saudades... Saudades de alguém, de alguma coisa imprecisa, perdida na distância ou na penumbra do esquecimento que os anos geram em nós!... Saudades de minha mãe, talvez; das noites boêmias vividas em serenatas; saudades, talvez, de alguém que se encontrava ao meu lado, quando ainda uma mocinha de quinze anos e eu um irrequieto rapaz de dezoito...

Minha emoção aumentava!... Meu pensamento pairava sobre um passado que já ia longe... Meu corpo, certamente, se imobilizara e meus olhos pararam perdidos em um ponto qualquer...

Aquele estado de êxtase, embora se me afigurasse uma eternidade, não deveria ter ido além de alguns segundos. Súbito, despertei-me daquela letargia...

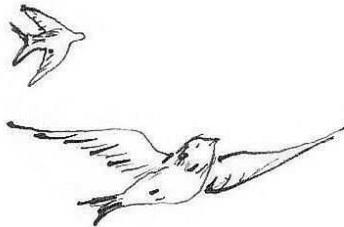
A valsa ainda se fazia ouvir em seus derradeiros acordes e eu não pude conter estas palavras: que música maravilhosa! Que valsa sublime! Embatível pelo tempo, pois que já é bastante velha. Foi quando uma septuagenária amiga aguçando os ouvidos, olhou-me fixamente e, num tom que deixava transparecer sabedoria e experiência, disse-me, com um vago aceno de cabeça: - “A música não envelhece, meu amigo; nós é que envelhecemos” -.

Achei deveras interessante sua observação e o fundo filosófico que ela continha. Contudo, era eu moço demais para me deixar impressionar por suas palavras. Coisas da idade, pensei!

O tempo, porém, continuou sua marcha inexorável... A velha amiga partiu para a grande viagem sem retorno e eu sou quase um velho agora...

Passados vinte e cinco anos, homem maduro e bastante sofrido, ao ouvir algum programa saudosista, algumas valsas do meu tempo de rapaz, ou que as tenha ouvido quando criança, me vêm à mente aquelas sábias palavras, pronunciadas por minha velha e saudosa amiga.

E, concluo baixinho, comigo mesmo: a velha tinha razão: - “ A música não envelhece; nós é que envelhecemos.” E como!!!...



Janeiro de 1962.

Maravilha artística

Quando se é artista o coração e a alma se fazem presentes, de forma marcante, nos mais modestos trabalhos. A verdadeira arte não comporta sofismas, nem traições aos próprios sentimentos artísticos.

Satisfação plena de seu mundo interior, de seu “ego” deve ser a meta do verdadeiro artista.

Artista sem egoísmo, sem o desejo ardente de satisfazer a si mesmo, à sua sensibilidade emotiva, aos seus anseios, não é artista, não vive nem sente sua própria arte.

Arte sem egoísmo, visando apenas as platéias, a exploração do sentimentalismo alheio, a fama e a fortuna, não é arte, mas, comércio baixo e vil, hipocrisia, dessecação personalística, prostituição sentimental.

Por isso, admiro o verdadeiro artista. Admiro você, modesto pintor bauruense, autor de um quadro maravilhoso que tenho em minha sala, modestamente inspirado em um motivo deveras comum: um rio calmo e sinuoso, descendo, mansamente, da fimbria da colina para adentrar a mata verde e sombria...À sua margem esquerda, um rancho de sapé...

Não se vê o sol... A hora é crepuscular... Aquela hora dúbia em que não se sabe se é o dia que nasce ou a tarde que morre...Há uns raios de sol batendo na colina e refletindo no lençol verde das águas, onde se projetam as sombras das árvores...

Não se esqueceu o artista da vegetação própria dos rios: capins, aguapés, etc.; tampouco do tronco seco e esgalhado de velha e gigantesca árvore, onde, à tarde,

vem pousar irrequietos tucanos e, às vezes, algum gavião voraz, procurando localizar a presa.

O rancho é típico, vendo-se em derredor a si, algumas árvores...

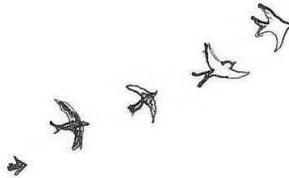
É de se ver a maravilha policrômica do quadro, a harmonia dos traços, dando ao todo a magnífica impressão da realidade bela e empolgante!

Nele se sente a alma do verdadeiro artista, criando e vivendo sua arte!...

Artista amigo, no rio que você magistralmente pintou, imagino um barco a deslizar tranqüilo, levando em seu bojo minh'alma sonhadora!

Sei que você sentiu e viveu sua arte, mas, se esqueceu deste detalhe importante, que uma alma cabocla como a minha jamais esqueceria: não há caboclo que viva à beira de um rio sem sua canoa, seu bote...

Todavia, é um detalhe, apenas, que em nada desmerece o seu trabalho, a sua arte, pois, aquele que tem alma para sentir a beleza de seu quadro, construirá, certamente, como eu, seu barco imaginário e nele singrará as águas tranqüilas daquele rio maravilhoso!...



Outubro de 1956.

O homem que sabe!...

Comentário em torno de uma fotografia publicada na AABB-Rio, em fevereiro de 1953.

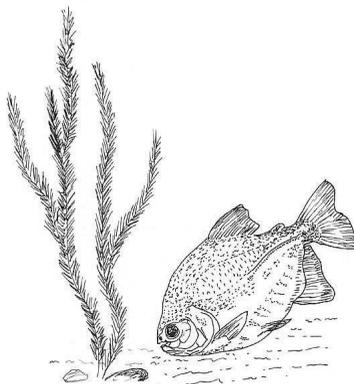
Aquele velho, vergado ao peso dos anos, trazendo a alvura da neve na cabeça e a marca dos desenganos nos sulcos de seu rosto macerado, sorri...E o seu sorriso, irônico e frio! Sorriso de quem sabe, de quem conhece a vida de perto; de quem chega ao fim, tropegamente, arrastando consigo desfeitos sonhos, mortas ilusões; sorriso que ele dirige aos afoitos, aos que se agitam, num desperdício pueril de energias, como a adverti-los: - devagar amigos! Cuidado! A caminhada é dura e cheia de incerteza! Não sonhe tanto!...

Aquele sorriso indiferente e frio oculta em si as cinzas de um passado longo e a certeza do fim que se aproxima.

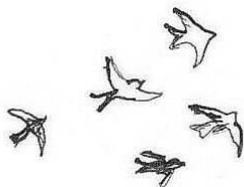
Os vincos que marcam seu rosto massacrado pelos desenganos, escondem em suas dobras um mundo de tragédias, decepções, mortas esperanças, sonhos desfeitos e uns poucos momentos de felicidade e enlevo...

Acreditou, demais, no amor e na bondade humana... E, quando em paga, recebeu a ingratidão, o abandono, a incompreensão e o ódio, sofreu demais, quis reagir, lutar desesperadamente, desprezar e odiar, também, a humanidade toda...Mas, já não tinha forças nem mesmo para odiar ou desprezar alguém...

Descrido, indiferente a tudo e a todos, ele – o homem que sabe -; que sabe, mas que não fala, que nada diz a ninguém, sorri... Apenas sorri...



Setembro de 1955.



Devaneios

Há dias, ao olhar para a folhinha, que marcava 17/12/1959, veio-me à lembrança aquele longínquo 17/12/1946, quando transpus os umbrais do Banco do Brasil, na qualidade de funcionário da casa.

Naquele dia inolvidável viveu minh'alma as horas mais trepidantes de sua existência emocional.

Ali, a par dessa alegria incontida que sentimos após a vitória duramente alcançada, estava o calor daquela nova batalha travada no campo das ciências contábeis, por um pugilo de moços aos quais eu, também moço ainda, iria juntar-me a partir daquele dia.

Luta hercúlea e bastante diferente da que eu havia até então empreendido, quer como militar-burocrata ou funcionário público, habituado a um trabalho calmo e paciente, contrastando com aquilo que me era dado experimentar naquele dia.

Confesso que temi não adaptar-me ao novo serviço a ser desenvolvido em tais circunstâncias.

Mas, as almas fortes não se abatem facilmente. Lutam, sofrem e vencem, sempre, com a força do seu entusiasmo e de sua fé. Assim, venci, de frente, as primeiras dificuldades que são as mais difíceis de ser vencidas.

Se é verdade haver-me habituado a um serviço daquele jaez, verdade é, também, que minh'alma tornou-

se ainda mais sedenta de solidão e silêncio, buscando, talvez, num ambiente de paz e tranqüilidade, compensação às suas horas de luta e de vibração intensa.

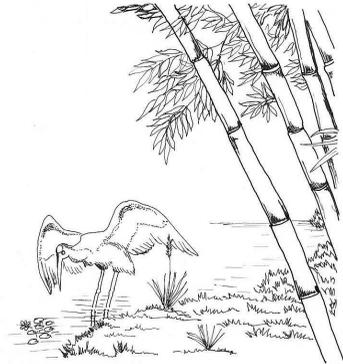
Assim, diariamente, reservo para ela alguns minutos de recolhimento e de profunda meditação para que se recomponha, busque e alcance a serenidade e o equilíbrio que, por vezes, nos faltam, tornando-nos injustos e menos humanos.

Faço, pois, um balanço diário das minhas ações, cujo saldo nem sempre me é favorável. Penitencio-me, assim, dos meus erros, reconhecendo-os para deles me redimir, procurando acertar sempre.

Aos domingos e feriados fujo, desesperadamente, do convívio dos homens, cansado do artificialismo das cidades, onde imperam as pseudas grandezas, a mentira e o ódio, para, então, conduzir minh'alma por caminhos opostos, onde, apenas existam a simplicidade das colinas e das flores silvestres; a quietude enternecedora das águas; a verdade e o amor que nos vêm de Deus, através da linguagem muda da natureza.

Pela manhã, antes de partir, consulto, com o olhar voltado para o alto, se há nuvens no céu prenunciando chuva. Faço-o mais por embevecimento, porquanto se me arrasta a beleza estonteante de um céu limpo e imensamente azul, jamais a tristeza de um céu toldado de nuvens fez nascer em mim a indecisão ou o medo. Parto, invariavelmente, ainda que chova, rumo a um rio qualquer, onde possa, à fronde do arvoredo quedar-me maravilhado, perdido em meus pensamentos, a acompanhar o deslize tranqüilo das águas e a deixar que rolem com elas e se percam na imensidade infinita dos mares, os meus sofrimentos, as minhas dores, as minhas decepções e todas essas misérias humanas que nos aniquilam e que, por vezes, nos matam.

Abril de 1963.



Ao apagar das luzes

Ao findar da tarde de ontem, quando a noite fria começava a cair sobre a cidade e deixávamos o Banco do Brasil, após mais de seis horas de estafante trabalho, paramos, eu e o colega Floriano, junto a um “Jeep”, onde um grupo de patrícios assistia à transmissão do jogo da seleção brasileira de futebol – autêntica campeã do mundo -, frente a um quadro italiano.

Notamos, de início, que a tristeza rondava o coração daqueles homens e o vendaval da derrota fustigava-lhes a alma, onde existia, ainda, a esperança de um empate, de vez que perdíamos de dois a um e restavam ainda dois minutos para o término do encontro, travado em campos da velha Itália.

Resolvemos esperar um pouco... Juntar nossas emoções e somar as nossas tristezas às emoções e tristezas daquele grupo que assistia, ao apagar das luzes, a derrota de sua seleção, até então invicta em vinte e seis partidas internacionais, disputadas após o campeonato mundial de 1958.

Ali estava o brasileiro de 1960. Aquele que em outros tempos teria abandonado o rádio, certo da derrota, convencido de sua condição de raça pobre e inferior, marcado pelo pessimismo. Ali estava, colado ao rádio, na esperança dos últimos minutos, o brasileiro que rompeu com esse passado de descrença, para encontrar, sozinho, o caminho do progresso e da paz social, num eloqüente exemplo ao mundo, do que pode a força criadora de um povo...

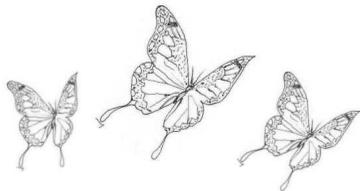
Ali estava, confiante em sua seleção, o brasileiro que viu nascer “Furnas” e “Três Marias”; que viu jorrar de seu solo o petróleo, explorado por seu próprio povo. Ali estava o brasileiro que viu a força construtora de sua gente rasgar a floresta virgem e até então indômita, para nela plantar milhares de quilômetros de estradas de rodagem, em busca da integração nacional a ser alcançada com veículos de fabricação nacional.

Ali estava o brasileiro que viu nascer BRASÍLIA – a obra do século, a capital da esperança -, plantada no coração da pátria.

Ali estava o brasileiro altivo, repleto de fé e de esperança, acreditando, sempre., na capacidade de reação de seu time, em busca de um empate... E, esse empate veio, para a felicidade de todos. Veio ao findar da peleja, nascendo o gol dos pés de Chinezinho para ser concluído por Pelé, esse gigante do futebol internacional.

Assim veio o almejado empate, que teve o sabor de uma vitória. Vitória da fibra e da raça de uma seleção, que após perder por dois a zero até os quarenta minutos do segundo tempo, buscou e alcançou o empate consagrador, ao apagar das luzes.

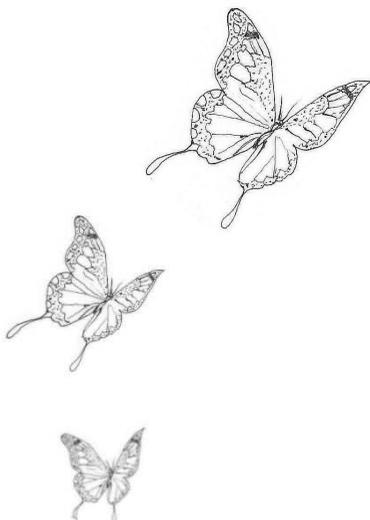
Agosto de 1959.



Síntese de uma grande viagem

... Estas as observações de um viajor que não foi ao Lido de Paris, nem fez compras na luxuosa Bond Street de Londres; que não freqüentou o Escala de Milão, nem jogou cartas no Cassino de Estoril mas, que se sentou nos bancos das maiores praças da Europa e viu jovens cantando, livres pelas ruas do mundo e crianças esbanjarem alegrias inocentes e puras em parques monumentais, em meio a pássaros e lagos belíssimos; que observou, ao cruzar os campos da Europa, o trabalho do homem no amanho da terra; que comeu em restaurantes populares, andou de trem, de bonde, de ônibus e de metrô; que viu Pompéia e imaginou o drama do seu povo ante o mar de lavas que lhe lançara o Visúvio; que percorreu, emocionado, a “Via Ápia”, traçada por Apius Cláudio há dois mil anos e pisou o chão do Panteon, em Paris, - o templo da celebridade – sob o qual se encontram os restos mortais de Voltaire, Mirabeau, Zola e outros líderes da Revolução Francesa; que viu e fotografou, do cimo de suas colunas gigantescas, o Coliseu de Roma, onde se sacrificaram tantos homens sob os aplausos de uma população inconsciente e de um Cesar sádico e frenético que, perdido em meio a tanto poder e grandeza, começava a escrever as páginas derradeiras de uma história que foi

linda e deveras grandiosa; que em Pistóia, na Itália, por deferência especial do Subtenente Pereira ao ex-colega de farda que também serviu, como Sargento do Exército, em zona de guerra, arreou do topo do mastro que se ergue no monumento ao Pracinha Brasileiro, às seis horas de uma tarde ensolarada, porém, triste e evocadora, a bandeira do Brasil. Enfim, um viajor que levou por toda a parte, à sua frente, o coração, e, em cima, no alto de sua sensibilidade emotiva os olhos límpidos da alma.



Outubro de 1972.

Pantanal sul mato-grossense

... Falar da região do rio Negro é misturar-se à quietude enternecedora dos lagos e baías, onde, durante o dia, toda uma gama de pássaros, os mais belos, entoam os seus cantos, numa profusão de sons, numa sinfonia estranha e linda; e, à noite, vão refletir no espelho de suas águas tranqüilas, a lua branca e um bilhão de estrelas engastadas num céu azul e imensamente belo; é ver o lindo e amplo pátio do retiro onde acampamos, atapetado de verde e ensombrado de tarumeiros; o velho curral, os mansos bois carreiros, os ranchos de pau-a-pique cobertos de palha... É ver, maravilhado, quase de joelhos, numa emoção muito grande, o rio Negro, pequeno e bonito, acolhedor e manso, povoado de peixes, a colear, exuberantemente, por entre as terras baixas e alagadiças do pantanal sul mato-grossense.



Outubro de 1976.



Uma saudade a mais

Quanta tristeza neste fim de tarde!... Tarde primaveril, em que o perfume que evola das flores silvestres e do nosso jardim, cá na península norte, se espalha no vasto espaço vazio, onde se ouvem ainda as modulações sonoras dos derradeiros trinados dos pássaros que se recolhem a seus ninhos, enquanto o sol reclina sobre nuvens cor-de-rosa, lindas de morrer, e as primeiras estrelas tremeluzem, ainda pálidas, ante a incidência dos últimos raios solares.

Todavia, em meio a tanta beleza, capaz de tocar e enternecer a mais insensível das criaturas humanas, uma tristeza imensa se ergue e se abate, implacavelmente, sobre nós. É que China – nossa pequinês – morreu neste fim de tarde... E, por uma ironia da sorte, ela que durante dez anos, buscou sempre o nosso convívio, distribuindo humildemente, amor e muito carinho, morreu sozinha em uma dependência de nossa casa, sem o nosso afeto e as atenções e cuidados que a ela dispensaríamos.

Assim, o dia seis de outubro não a encontrará pela manhã, como de costume, a ladrar pela área de serviço, alegre e festiva, a saltar sobre nós, lambendo-nos as mãos ou procurando deitar-se, humildemente, sobre nossos pés.

Em seu lugar, o silêncio... E, em nossa alma, uma saudade a mais, daquelas que o tempo pode esmaecer ou ofuscar, mas, apagar, nunca...

Outubro de 1973.



A última caçada

Numa noite linda, batida pela luz amena de uma deslumbrante lua cheia, deixamos a cidade para levar a efeito aquela que haveria de ser a minha última caçada.

Já havíamos caminhado cerca de seis quilômetros de campo, quando se fez ouvir o primeiro acuar de um dos cães. Houve silêncio e expectativas, quebrados pela confirmação inequívoca do constante ladrar prenunciador da amarração da caça...

Todos, a um só tempo, pusemo-nos em corrida desabalada, rumo à caça, que já tardava naquela noite. Mas, para surpresa e estupefação de todos, o cão, que jamais falhara, parecia haver abandonado o local da luta para vir a nosso encontro, com aquela humildade que lhe é tão peculiar!...

Ganindo a nossos pés; abanando a cauda fina e comprida, olhava-nos de maneira estranha, como a nos querer dizer algo que não poderíamos compreender, jamais!

Mas, não haveria de ser nada. Eram, apenas, dez horas e tínhamos pela frente toda uma noite cheia de esperanças e de belezas! Cada qual reajustou sua carga e recolocou nos ombros a ferramenta que lhe competia carregar.

Nova caminhada. Novos acontecimentos semelhantes ao primeiro!... Estranha e misteriosa noite aquela!... Era inútil prosseguir.

Marcava meu relógio de bolso onze e meia da noite e nos encontrávamos a mais de nove quilômetros de distância, quando tomamos um caminho deveras

conhecido, que passava por uma tapera, indo terminar em uma porteira que dava acesso à estrada principal.

É de se avaliar o cansaço de que nos achávamos possuídos, após vencermos aqueles nove ou dez quilômetros de campos, cheios de cupins, buracos e cercas de arame farpado, muitas vezes por nós ultrapassados em corrida desabalada...

Assim, antes que demandássemos aquele caminho, a oitocentos ou mil metros da estrada que nos levaria à cidade, resolvemos descansar um pouco, sob a luz da lua que já ia alta sobre nossas cabeças!...

Havia já alguns minutos que nos deixávamos estar naquela atitude de relaxamento e descanso, embevecidos ante a beleza estonteante daquela noite que jamais esqueço, quando um dos nossos companheiros ergueu-se do solo subitamente, como que tomado de uma loucura repentina e, aos gritos, numa defesa veemente às caças, precipitou-se sobre um pequeno capão de mato, fechado de caraguatás e unhas-de-gato, que o deixaram lacerado e com as vestes esfarrapadas!...

Dali, com o facão em punho, as perneiras apenas penduradas pelas correias superiores, ganhou o campo aberto, aos pulos e gesticulações, acompanhados de gritos angustiantes que faziam eco na imensidão e no silêncio daquela noite cheia de mistérios!...

Entre cuidadosos e amedrontados, o seguíamos de longe, sem nada compreender daquilo que se passava!

Depois de permanecer, por vários minutos, naquela atitude de desespero e grande aflição, caminhou, a passos incertos e desequilibrados rumo à estrada, onde já o esperávamos prevenidos contra uma possível agressão de sua parte.

Daí a pouco ali estava, diante de nós, de facão em punho, roto, ofegante e exangue, aquele que seria incapaz de um gesto violento contra seus amigos e que jamais se atiraria a uma atividade extraordinária como aquela, dadas as suas condições físicas e o seu temperamento cômodo e tranqüilo.

Aproximamo-nos dele e vimos, cheios de espanto e de terror, através dos óculos que, por milagre, não lhe caíram do rosto, os olhos parados e brilhantes como o mais fino cristal!

Seria possível, Santo Deus! Teria ele perdido para sempre a razão?! E, antes que lhe disséssemos algo, ergueu-se num salto rápido e ameaçador, enquanto a lâmina do seu facão brilhava no alto, beijada pela luz branca da lua...

Movidos pelas molas destras do instinto de conservação, demos dois ou três passos para trás e, em atitude de defesa, esperamos o golpe que, felizmente, não veio.

Os saltos, porém, se repetiram e os gestos e as cenas se multiplicavam e de seus lábios, ressequidos ou queimados pela sede explodiam palavras gritantes, que se traduziam em veementes acusações contra nós os caçadores e vibrante defesa da caça.

Tremes e espavoridos, éramos, por força das circunstâncias, espectadores obrigatórios e necessários daquela cena representada, inconscientemente, por um amigo no palco imenso da natureza exuberante e bela! Exuberância marcante e aterradora! Beleza triste, tétrica, indecifrável!... Noite que ainda hoje me faz tremer ao lembrá-la e descrevê-la!

E, aquele amigo longe da razão perdido na noite negra da inconsciência e da loucura, não dava sinal de abatimento ou de fraqueza ante aqueles esforços, verdadeiramente, sobrenaturais!...

Aos poucos, porém, empurrado, talvez, pela providencia divina e seguido à distância por seus amigos e companheiros, ia abandonando aquele sítio, rumo à porteira que dava acesso à estrada.

Ali chegando, deteve-se. Transpôs a porteira e foi cair na estrada, reintegrado em si, cheio de espanto e de cansaço, porém, vazio, como vazia estivera sua alma e sua razão.

Sem nada compreender de tudo aquilo... Perdido em seu mundo interior, entre gemidos de dor e de cansaço, perguntou-nos, com palavras entrecortadas, o que se havia passado com ele! E, antes que pudéssemos dizer-lhe alguma coisa, concluiu: “E este facão desembainhado?! Estas perneiras soltas?! Esta roupa rasgada e tinta de sangue?! Por quê tudo isso?! Por quê este cansaço?! Esta dor?! Esta imensa vontade de dormir?!”.

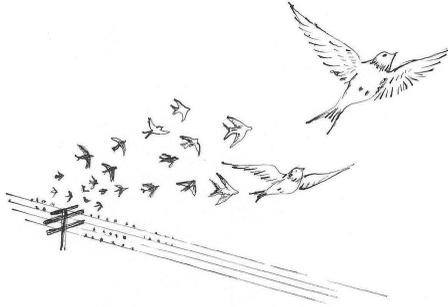
Você se esforçou muito. Dizia um. Acha pouco correr de facão em punho, querendo pegar um tatu a unhas? Completava outro.

Mas, o companheiro, quieto e pensativo, não parecia ouvir nossas palavras!

Interpretando a razão daquele silêncio e antes que pudessem sobrevir acontecimentos novos, conseguimos persuadi-lo de que deveríamos partir de regresso à cidade.

E, assim, dobrado pelo cansaço, aniquilado ante os extraordinários esforços desenvolvidos, o conduzimos, apoiado em nossos ombros, até sua residência, numa verdadeira peregrinação de dez quilômetros de estrada, vencidos em mais de cinco horas de duríssima jornada, que marcou a etapa final daquela que foi minha última caçada.

Novembro de 1962.



As andorinhas voltaram

Há muitos anos, quando eu não havia ainda experimentado a ventura de a conhecer e em seu seio viver, Campinas querida, ouvi seus filhos: poetas, escritores e jornalistas, chamarem-na “Cidade das Andorinhas”.

E eu a imaginava assim, uma cidade hospitaleira e bela, como realmente é, com suas palmeiras imperiais, seus lindos jardins e bosques seculares, para onde as andorinhas, em revoadas, acorriam às tardinhas, inquietas, em busca de pousadas...

Imaginava como deveria ser belo seu entardecer!... Seus dias claros e ensolarados, cedendo, gradativamente, a crepúsculos maravilhosas a desmaiarem, lânguida e ternamente, por entre a tepidez de suas noites azuis e cintilantes de estrelas!...

Entremente, aqui cheguei há pouco mais de um ano e a encontrei tão bela ou mais ainda do que a Campinas que eu sonhara, ostentando suas praças modernas, seus jardins e bosques maravilhosos, dentre os quais o inigualável “bosque dos jequitibás”.

Não encontrei, todavia, a ziguezaguearem no espaço azul deste seu lindo céu, as gráceis e aristocráticas andorinhas!...

Seus poetas, num tom saudoso e melancólico, chamavam-na, já, “ex-cidade das andorinhas”, buscando para você, com a finura de sua sensibilidade, outras alcunhas, igualmente delicadas e sugestivas, como “capital da gentileza”, “princesa do atibaia”, etc.

É que as andorinhas se foram... Não sei como, quando e nem por quê... Sei, apenas, que seu céu ficou deserto de pássaros e sons; que as árvores de seus jardins e de seus bosques amargam a fria solidão em que se encontram, desde o dia em que as andorinhas se foram.

Ontem, porém, ao deixar o serviço e atravessar a praça da matriz, notei um alvoroço estranho! As árvores, levemente tocadas pelo vento fresco do outono, eram palcos felizes de sons e músicas canoras, algazarras de seres inocentes, buscando sofregamente, um ramo em que pousarem...

Foi uma tarde de festa que se repete todos os dias!

E, até, parece-me ver nas árvores esse desejo ardente e voluntarioso de crescerem ainda mais, de estenderem seus ramos verdes para o céu e neles acolherem, todas as tardes e todas as noites, ébrias de felicidade e ternura, as lindas andorinhas que, finalmente voltaram!...



Setembro de 1962.

Sentimentalismo e razão

Já se tem dito que “ser sentimental é esquecer os homens”.

Todavia, não se deve esquecer o homem e seus atos, o que equivale dizer que não se deve ser sentimental.

Há nos povos latinos, a cujo grupo pertencemos, supremacia incontestada do sentimentalismo sobre a razão, fato que, visto por um prisma, reflete a grandeza de alma e nobreza de coração do nosso povo. Mas, se atentarmos para o outro lado, procurando ver as cousas por um outro prisma, chegamos à simples e dura realidade de que trilhamos um caminho errado e deveras perigoso no campo das relações sociais.

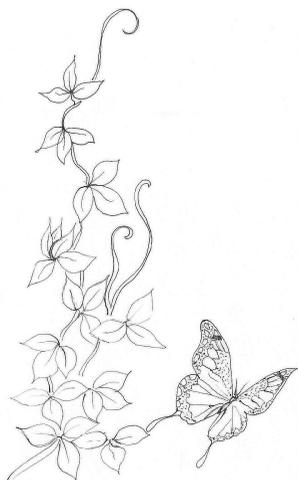
Deixando-nos vencer pelo coração, pelo sentimentalismo, vimos, desde há muito, criando para nossa sociedade situação de insegurança e intranqüilidade, tudo por que não possuímos a frieza, a serenidade que nos dá a razão, quando julgamos aqueles que se revelaram perigosos ao meio social em que vivem e que, por isso mesmo, devem receber a correspondente sanção penal e moral.

Infelizmente, é vezo em nosso país o coração esmagar a razão, o sentimentalismo aniquilar a justiça...

Por isso, aí estão pelas ruas da cidade, zombando da Justiça, afrontando nossa sociedade, milhares de marginais, criminosos natos ou profissionais, que infelicitam o país, levando o desespero e a miséria a milhares de famílias, onde a orfandade e a fome sucederam ao conforto e à felicidade de um lar organizado.

Por isso, contrariando o pensamento da esmagadora maioria dos meus patrícios, quebrando os vínculos que me prendem ao latinismo, no que tange ao sentimentalismo e à razão, levanto o meu aplauso, minha palavra de apoio à Justiça norte-americana que soube, após esgotados todos os recursos judiciais, cumprir, com decisão e firmeza a pena que impusera ao criminoso Carul Chessman – o afamado bandido da lanterna vermelha.

Para um grande povo, uma grande Justiça.



Março de 1963.



Carta aberta

Caro colega,

O dia hoje, limpo, o céu azul, batido por um sol de raios dardejantes, me fez lembrar com redobrada intensidade, dessa longínqua Cruzeiro do Sul, engastada em pleno coração da selva amazônica, onde, um dia, no cumprimento do dever, estive ao seu lado juntos lutando pela causa comum.

Ainda hoje parece-me ver nossa modesta casa de trabalho, a disposição das mesas, a pequena geladeira à querosene, o cofre, tudo enfim...

Recordo-me, deveras saudoso, daquele panorama que se nos antepunha, quando, à tardinha, deixávamos o Banco e de suas escadas externas víamos, a nossos pés, toda a cidade, nos seus contornos esquisitos e caprichosos, cortada de igarapés, vendo-se aqui e acolá pontes de madeira a ligarem as ruas desalinhadas, enquanto, do outro lado, o rio Juruá, com suas águas escuras, cheio de lendas e mistérios, cobras grandes, jacarés de proporções agigantadas, botos, etc., seguia seu curso normal, soberbo, orgulhoso, parece que consciente do grande papel que desempenha como único meio regular de transporte de que dispõe o município, além de fornecer à sua população as mais variadas e abundantes espécies de peixes, destacando-se dentre

eles, por seu excelente sabor, o tambaqui e o tucunaré, sem falarmos nas tartarugas, que são verdadeiras maravilhas.

Há dias, ao rever aquelas fotografias, tiradas em nossa modesta república, cheguei à conclusão de que o mundo é, realmente pequeno em sua aparente enormidade... Por isso, ali, naquela obra de arte, tradutora de fatos reais, viam-se reunidos filhos de uma mesma e grande Pátria, provindos: você, de Belém do Pará; o advogado e escritor Aristófanês, de Manaus; e o autor destas linhas, de Cuiabá, capital de Mato Grosso.

Então, me veio à mente todo um passado de lutas e de sacrifícios, cheios de inquietações, desconforto e saudades, longe do lar, de esposa e filhos, tendo como único lenitivo a hospitalidade e a lhanza, nascidas, cheias de espontaneidade, do coração de um povo simples e amigo, como o de Cruzeiro do Sul.

Relembro, com imensas saudades, daqueles dias ensolarados, daqueles domingos memoráveis, em que incursionávamos aos mais distantes núcleos agrícolas, para, na qualidade de representantes do Banco do Brasil, expormos aos pequenos, médios e grandes produtores a finalidade e as bases do financiamento autorizado pela Carteira de Crédito Agrícola e Industrial e que, pela primeira vez, iria ser aplicado naquela riquíssima região.

Após aquele último abraço que trocamos no aeroporto, naquele magnífico e inolvidável primeiro de outubro de 1952, decolamos rumo à Rio Branco, com escala em Tarauacá. Esta cidade já a conhece. Não? É modestíssima e sofre do mesmo mal de suas irmãs: carência de transportes. Suas casas, na maioria, de tábuas, sem pintura e cobertas de palhas, emprestam-lhe um aspecto estacionário ou mesmo de regressão.

Quanto à Rio Branco, onde chegamos às dezoito horas, comparo-a a uma linda flor nascida num jardim

imenso, abandonado, quase esquecido dos homens!... A cidade acha-se dividida em duas partes, separadas pelo rio Acre, sendo que o transporte de uma para outra parte se faz em pequenos barcos, a qualquer hora do dia e da noite. Nesse particular, permito-me externar minha estranheza ante a inexistência de uma ponte que viesse a ligar as duas partes da cidade; a velha -, comercial, por exelência, e a nova, onde se encontram os prédios públicos, hotéis e grande parte da zona residencial.

Julguei estranho esse estado de cousas, à vista do quanto se gastou na construção da nova Rio Branco, verdadeira obra de arquitetura moderna, onde se divisa o palácio do governo, bonito, admirável mesmo, ostentando à sua frente uma linda fonte luminosa, de onde a água se despenca em sua liquidez alvinitente e, às vezes, multicores, emprestando às belezas circunvizinhas um cunho todo especial, cheio de poesia e encantamento!...

Em frente ao jardim, moderno, calçado, bem cuidado, descortina-se o magnífico Quartel da Força Pública. Do outro lado, onde a rua é asfaltada, vê-se o Hotel Chuí, sobradado, com boa apresentação, ótimos quartos, boa sala de estar e de refeições, enfim, o que de melhor se possa esperar no “interland” brasileiro.

No dia seguinte reiniciamos a viagem, passando por Porto Velho, Guajará-Mirim, Forte Príncipe da Beira, Vila Bela, - antiga capital de Mato Grosso - hoje em ruínas, Cáceres e finalmente, Cuiabá, ponto final do meu longo itinerário, que durou dois dias, através do espaço...

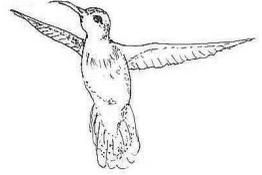
Quanto ao panorama, visto de dois mil metros de altura, pouco, ou quase nada, tenho a descrever-lhe. Dir-lhe-ei, apenas, tratar-se de verdadeira maravilha, ante a enormidade das selvas amazônicas, que nos metem n’alma algo de admiração, respeito e medo!...

Ao apresentar-me na agência de Cuiabá e sentir-me cercado pelos colegas, que me formulavam perguntas várias sobre a viagem, as cidades que vi, os afamados e perigosos vôos sobre as selvas amazônicas, etc, etc, senti, comovido, aquela satisfação imensa, só experimentada por aqueles que, como eu, tiveram uma missão a cumprir alhures e que, a despeito de todos os contratempos, cumpriram-na satisfatoriamente.

Eu, que no cumprimento do dever, deixei meu lar, esposa, filhos, tudo, enfim, que me era tão caro para prestar serviços, como adido, no extremo norte do país, levando comigo as piores informações possíveis sobre a vida na região, sei, ao rever minha cidade, minha esposa e filhos, tudo, enfim, que me é caro, o quanto é cruel a despedida, difícil o cumprimento do dever e sublime a desejada volta.



Janeiro de 1953.



Elisa

Elisa, mocinha ainda, trazendo n'alma um desespero imenso e na face as lágrimas branquinhas a brotarem de seus lindos olhos azuis, passava suas mãos pequenas e acariciantes no rosto pálido e frio de sua mãe, estendida, ereta, sobre a mesa.

Morreram, ali, muitas de suas esperanças mais lindas... Secava a fonte maravilhosa e quente dos carinhos maternos, para nascer, em seu lugar, o espectro da orfandade.

Elisa e seus irmãos não encontravam no pai, compreensão, ternura ou palavras amigas, capazes de atenuar a vastidão dos seus sofrimentos e amarguras, da solidão e do abandono a que foram relegados por sua madastra.

Seus irmãos, à proporção que atingiam a maioridade e até mesmo antes dela, iam deixando a casa, atirando-se à luta pela vida. Suas três irmãs casaram-se. Elisa, todavia, não tivera igual sorte. E agora, que estava só, sem a companhia e carinhos de suas irmãs, tudo ser-lhe-ia mais difícil, de vez que lhe era negado até mesmo as diversões e os bailes – sonhos azuis de toda a mocidade - . A ela se reservavam, apenas, trabalhos, perseguições e desigualdade de tratamento, como se fosse ela uma intrusa, uma renegada...

Elisa já não suportava a carga de tantos sofrimentos, amarguras e incompreensões... Foi quando seu pai, já reformado no posto de major do Exército, resolveu morar numa fazenda de sua propriedade a um uns trinta quilômetros da cidade.

Ali, respirou Elisa, amplamente, o ar puro e gostoso dos campos!... Pela manhã corria para o terreiro a ver o sol radiante, rasgar o horizonte azul, além do qual imaginava outro mundo feliz, sem ódios nem rancores, no qual imperassem, apenas, o amor, a compreensão, a solidariedade... Lá onde deveria estar sua mãe, tão carinhosa e tão boa...

Elisa era menos infeliz agora. Em meio aos elementos, no seio virgem da natureza, aprendeu a amar a solidão, os ermos... Deixava-se, gostosamente, envolver pelo vento morno e acariciante, que lhe esguedelhavam os cabelos finos, loiros e compridos. Havia ali, um rio, pássaros canoros e as mais lindas noites de lua cheia... Até as perseguições que lhe movia a madastra pareciam arrefecidas. Esse estado d'alma, todavia, durou pouco...

Houve uma festa na vila. A ela compareceu Elisa, em companhia de seus familiares. Estava radiante... Era aquela uma das raras oportunidades que tivera para se divertir um pouco, ver algo diferente, conversar e trocar idéias com alguém... Contudo, no auge de suas vibrações emotivas deixava transparecer de seus gestos, de seu olhar e de seus sorrisos um fundo de amargura e sofrimentos... Era triste até em suas alegrias...

Elisa sentou-se em um banco, a fim de refazer-se do cansaço. Seu olhar penetrante, passeava pelo salão, quando avistou, de pé, em uma das portas, um moço pálido e esbelto, olhar sereno e tranqüilo a fitá-la, embevecido!... Os olhares de ambos se cruzaram. Elisa sentiu um estremeamento estranho, indiscreto... Algo

de importante acontecia em sua vida, naquele exato momento!... Seria o amor?!...

Pedro, - assim se chamava o rapaz -, não dançava. Simples e deveras introvertido, viu naquele amor, nascido à primeira vista, um daqueles amores impossíveis, irrealizáveis... A filha do major seria a estrela pequenina e pura, inacessível, a fulgurar lá nas alturas e ele, o pirilampo a ziguezaguear na mata escura, ou, o pigmeu a olhar, eternamente, para cima, na esperança de a estrela solitária e triste, vencer as forças que a sustêm no espaço, para descer ao pirilampo, ao pigmeu na terra e dar-lhe um pouco de luz e de calor...

Enquanto esses pensamentos tomavam de assalto o espírito de Pedro, Elisa pensava como deveria ser difícil vencer as forças que se interporiam entre ela e Pedro, no sentido de não se permitir a concretização daquilo que, para sua família, seria um escândalo e uma humilhação...

Contudo, o amor que é divino, que paira muito acima dos preconceitos e misérias humanas, os uniu, para sempre, a partir daquele instante...

No dia seguinte o fato já era de pleno conhecimento da família. A notícia correu celeremente, pela redondeza e o sofrimento de Elisa aumentou... Ela, porém, não desistiu. Lutou, leoninamente, pelo seu amor e venceu, casando-se com Pedro. Seus sonhos eram, agora, realidade palpitante e feliz. Encontrou, afinal, alguém que a queria e amava, apaixonadamente...

Pedro sentia-se, também, o homem mais feliz do mundo.

Era caboclo sim; humilde e pobre caboclo, com alguns alqueires de terra, um gadinho e, agora, um rancho que ele mesmo construiu, com carinho e amor,

para morar com Elisa, dona de seu coração, senhora de seu destino...

É bem verdade que Elisa sentira aquela mutação inesperada e, até certo ponto, imprevisível...

Distante estava a casa grande, onde desfrutava de relativo conforto, mas, onde suportara, também, sofrimentos inenarráveis...

Pela primeira vez sentia-se dona de alguma coisa, amada por alguém, desde o dia trágico da morte de sua mãe.

Era com devoção de uma beata que ela, todas as noites, ajoelhava-se diante da imagem de Nossa Senhora, rezava o seu terço para agradecer a Ela pelo pequeno e adorável mundo que lhe ofertara, dentro desse outro mundo amargo e decepcionante. Ali vivia Elisa – rainha de um mundo novo e pequenino -, ao lado de seu rei, a quem amava com todas as veras de seu coração, com toda a intensidade de sua alma sensível e pura... Seu reinado não ia além daquele rancho de chão batido, coberto de sapé; algumas cabeças de gado e outras pequenas criações, dentro de algumas dezenas de alqueires de terra, onde se divisavam, também, os verdes arrozais, o milharal viçoso, o mandiocal em cujas sombras cresciam as melancias de polpas vermelhas e saborosas.

Assim, o tempo foi passando, sem que Elisa se apercebesse de sua marcha inexorável, tal o embevecimento em que vivia ao lado de Pedro e das poucas cousas que possuíam, mas que valiam para ela, mais que todas as riquezas da terra juntas.

Os anos foram passando, um a um, e o lar de Elisa e Pedro se enriquecia com o nascimento dos filhos. As lutas aumentavam e as responsabilidades cresciam... De outro lado, porém, o trabalho honesto e construtivo, de mãos dadas com a terra generosa e boa,

criavam perspectivas novas e cada vez mais promissoras.

Os filhos cresciam e já os mais velhos estudavam na vila, enquanto Elisa e Pedro planejavam vender o sítio e mudar-se para a cidade, onde poderiam educá-los e prepará-los para uma luta diferente...

Mas, naquela manhã de um lindo dia de setembro, Pedro saiu a trabalhar o gado no campo. Já ia alto o sol e ele não tornava, como de costume, para o almoço. Todavia, lá pelas duas horas da tarde chegava Pedro, pálido e ofegante.

Procurando tranqüilizar Elisa, dissera-lhe que não se preocupasse com ele, pois havia sofrido, apenas, uma pequena “rodada” (queda de cavalo em corrida) e logo estaria bem, bastando, para tanto, alguns banhos em água canforada e chás de arnica.

Os dias, porém, foram passando sem que Pedro pudesse voltar ao trabalho. Um dia sentiu-se tomado de uma inquietude estranha e de uma febre que o levava ao delírio. Teve um acesso de tosse e de seus lábios, brancos como cera, escaparam duas golfadas de sangue...

Elisa estrangulou na garganta um grito de dor e desespero... Correu à vila a procura do médico e quando este chegou, examinou Pedro e a chamou de lado, percebeu que naquele exato momento teria a confirmação de suas suspeitas: Pedro estava tuberculoso, vitimado pela chamada “peste branca” até então, incurável. Era um condenado e deveria morrer ali mesmo, cercado dos cuidados e carinhos de sua esposa e filhos... Morrer devagarinho, numa agonia muito lenta... Agonia sem perdas de sentido... Agonia de quem assiste ao seu próprio fim e, no derradeiro instante vê o desespero e o pranto estampados no rosto de seus entes queridos, ouvindo-lhes as últimas e angustiantes

palavras, sentindo esvair-se-lhe a vida sem poder, contudo, agarrar-se a ela.

Assim morreu Pedro, levando consigo os sonhos dourados de Elisa, suas esperanças, seus dias melhores, mais alegres e inesquecíveis...

Restavam a Elisa os filhos queridos e neles encontraria a razão única de seu viver...

Vendeu o sítio e mudou-se para a cidade, juntamente com seus nove filhos. Comprou uma casa e atirou-se ao trabalho duro e constante, no que era coadjuvada pelos filhos mais velhos. Os primeiros anos, como soe acontecer em circunstâncias tais, foram os mais difíceis... Depois, o filho mais velho, já com dezoito anos de idade, empregou-se no comércio e passou a ser o esteio da casa; o segundo, abraçou a profissão de alfaiate mas, a boemia o levava a esquecer de que deveria auxiliar sua mãe já um tanto velha e cansada; a primeira filha, braço direito nos trabalhos domésticos, casara-se, enquanto os quatro menores estudavam, vendiam bolos, doces, etc... Houve, enfim, no mar encapelado em que velejava o barco de Elisa, calmaria suficiente para que sua vida se recompusesse, rumo a dias mais tranquilos e felizes.

Porém, as mãos emplacáveis do destino caíram-lhe, mais uma vez, pesadamente, sobre a cabeça, roubando-lhe o filho mais velho, vitimado pela mesma doença do pai – tuberculose.

Um ano mais tarde morria o segundo; o terceiro partiu para uma zona garimpeira e nem notícias dava à sua mãe; o quarto, morreu logo a seguir e, mais tarde a caçula, que lhe deixou três netos aos quais o pai abandonara.

Agora, quase só, doente e velha, zeladora de uma escola pública, com três netos para criar, só lhe restava trabalhar até o dia em que suas energias a

abandonassem de vez. Então, viria o caos, o fim de tudo...

E os dias foram passando, uma a um, na sua marcha que tem a duração da eternidade...

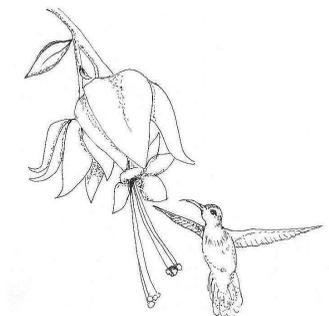
Certa manhã, porém, o sol não veio encontrá-la, como de costume, entregue à sua luta cotidiana. Estava tombada sobre o leito, imóvel, querendo, com seus lindos olhos azuis, dizer algo que a mudez lhe matara na garganta...

Vitimou-a um derrame cerebral que a paralisou completamente. Sofreu agonia lenta e consciente durante quase dois meses.

Dos seus nove filhos, apenas dois a assistiam nos derradeiros momentos. Quatro haviam morrido e três se encontravam ausentes.

Tinha que ser assim... Era o seu destino a escrever as derradeiras letras do último capítulo de sua atribulada existência...

Assim, morreu Elisa, sentindo, talvez, no derradeiro instante, as mãos de Pedro a deslizarem, suaves, sobre seu rosto transfigurado e cheios de vincos, ou a acariciar-lhe os cabelos finos e compridos e, agora, branquinhos como a neve ou como o algodão que juntos colhiam, lá no sítio.



Janeiro de 1958.



O Autor

Antonio Lycério Pompeo de Barros é natural de Cuiabá (MT), nascido em 20 de julho de 1922.

Ainda no Liceu Cuiabano, nos idos de 1936, começou a desenvolver seus penhores para a literatura, ao descrever passeios, pique-niques e pequenas caçadas, dentre estas “Minha primeira caçada”, revista e ampliada posteriormente. Publicou em Ponta-Porã, em 1946, seu primeiro soneto, intitulado “ Ainda perguntas se te amo?”, constante deste livro.

Viveu fora de Cuiabá, como funcionário do Banco do Brasil, em cidades deste Estado, São Paulo e Brasília, onde se aposentou em 1972, como gerente da Agência do Congresso Nacional.

Contraiu matrimônio em 1942, com Célia Dorilêo de Pina, de cuja união nasceram Anésia (doutora em Arquitetura e Professora da Universidade de São Paulo, com livros publicados); Tércio (Geólogo com especialização na França); Sueli (Professora de Matemática em Brasília); Edir (Doutora em Antropologia Social e professora da Universidade Federal de Mato Grosso, com vários livros publicados) e Waldir (fotógrafo profissional e cineasta premiado internacionalmente).

Fixou residência em Cuiabá, a partir de 1991.

“Devaneios (Versos & Prosas)” é sua primeira obra literária.